



LADY VÍBORA – PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE PERSONAGEM AUTOBIOGRÁFICA PARA CRIAÇÃO DE GRAVURAZINE

LADY VÍBORA - AUTOBIOGRAPHIC CHARACTER CONSTRUCTION PROCESS FOR GRAVURAZINE CREATION

Ilda Aparecida Ribeiro De Santa Fé

Universidade Federal de Goiás, Brasil
ildasantafe@hotmail.com

Resumo

Este é um processo investigativo sobre uma personagem ficcional autobiográfica. Criada, a princípio, como um suporte na criação da minha própria imagem visual, Lady Víbora se tornou uma personagem envolvente, ambientada em um universo fetichista onde mulheres que exercem um papel de dominância tem sob seus pés homens devotados e submissos, apesar de ter suas origens em mim mesma, segue uma trajetória própria desenvolvendo uma personalidade ficcional. O presente trabalho propõe a trazer uma reflexão sobre alguns percursos nesse processo criativo, discutindo questões que vão desde autoconhecimento através da autobiografia até a criação de narrativas visuais no formato de fanzines. O fanzine “Lady Víbora” conta com três números publicados, todos concebidos à partir da pesquisa de imagens, recortes, fotografias autorais e as narrativas visuais tem influência dos diálogos com admiradores da personagem. Investigo e utilizo as técnicas de gravura como: carimbo, estêncil e serigrafia, na criação das imagens e tento traçar uma diálogo entre os suportes e materiais que utilizo. Considerando o caráter alternativo e artesanal dos fanzines me baseio nessa liberdade autoral para exercer minha investigação e produzir o que chamo de “gravurazines” um termo resultante da junção das palavras fanzine e gravura, que além de ser obras de arte originais, também são livros de artista uma vez que foram concebidos como objetos de arte.

Palavras-chave: fanzine; personagem; gravura; fetiche.

Abstract

This is an investigative process about an autobiographical fictional character, first created as a support in the creation of my own visual image, Lady Viper has become an engaging character set in a fetish universe where women who play a dominating role have men under their feet devoted and submissive, despite having its origins in myself, follows a trajectory of its own developing a fictional personality. The present work proposes to bring a reflection on some paths in this creative process, discussing issues ranging from self - knowledge through autobiography to the creation of visual narratives in the form of fanzines. The fanzine “Lady Viper” has three published figures, all designed from the research of images, clippings, photographs and the visual narratives influence the dialogues with admirers of the character. I investigate and use printmaking techniques such as stamping, stenciling and silkscreen in the creation of images and I try to draw a dialogue between the media and materials that I use. Considering the alternative and artisan character of the fanzines, I rely on this authorial freedom to carry out my research and produce what I call “gravurazines”, a term resulting from the junction of the words fanzine and printmaking, which, besides being original works of art, are also books of artist since they were designed as an art object.

Keywords: fanzine; character; printmaking; fetish.

Neste artigo, procurarei descrever, de forma autoreflexiva, as ações e as memórias que inspiraram em mim a necessidade de criar uma imagem pessoal que refletisse/espelhasse no meu corpo físico tudo aquilo que sempre viveu na instância da minha imaginação. Talvez eu possa começar narrando os instantes que me peguei vagando em minhas memórias, penso nesses momentos como viagens no tempo através de um buraco de minhoca¹, ou seja, uma porta que se abre para minhas viagens astrais ou atemporais. Fecho os olhos e me vejo novamente deitada sobre as ramas do pé de maracujá que se espalhava no alto da copa do pé de tangerina. Sinto mais uma vez o aroma fresco das folhas e aquele odor de maria fedida² que ocasionalmente pousava em minhas roupas. Como era maravilhoso meu refúgio, de onde eu observava o céu azul e imaginava personagens nas nuvens, via o movimento na casa do lado, criava minhas próprias fantasias. Escondia-me quando minha mãe se zangava e queria me castigar, mas agora quando penso sobre isso me pergunto: de quem me escondia? Da minha mãe? De algo ou de alguém dentro de mim? Ao ler Jean-Jacques Rousseau (Rousseau, p. 56, l. 3-8, 1986), me detenho por um instante numa frase que me perturba: *“então, investigando-me com maior cuidado, fiquei muito surpreso com o número de coisas inventadas, que me leva a ter dito como verdadeiras.”* Acredito que minha memória permanece fiel até o instante em que identifico algumas de minhas brincadeiras como eventos que só poderiam ser explicados pela imaginação. Sim, naquela época, eu não tinha a menor ideia do que era viagem no tempo, muito menos o que viria a ser um buraco de minhoca. Revejo essas recordações usando a compreensão que tenho atualmente e pelo filtro das minhas referências pessoais, religiosas e artísticas.

Com o tempo, escalar a árvore se tornou fácil, principalmente se estivesse sob ameaça de umas varadas. Cada fruto era mais saboroso e sempre que queria, os tinha ao alcance de minhas mãos. Apesar dos momentos de medo ou tristeza, é bom reviver esses doces eventos do passado da criança que eu fui. Meu pé de mexerica foi meu reino durante parte da minha infância. Edgar Silveira Franco (Franco, 2012) fala sobre o isolamento vivido em sua infância, uma vez que não havia interesses em comum com as demais crianças que faziam parte de seu núcleo social. Noto que eu também passei a maior parte da minha infância em isolamento, submersa em minha imaginação, criando meus mundos secretos, onde me refugiava para minhas brincadeiras de criança. Voltar a minha infância é algo mágico, porém percebo que muitos conflitos familiares ou punições desnecessárias fragmentaram minha personalidade, separando de mim meu lado mais forte e corajoso. Um lado que se esgueirou nas sombras esperando atravessar uma fenda aberta na grande barreira que foi construída ao longo dos anos.

¹ A teoria do buraco da minhoca foi desenvolvida pelos físicos Albert Einstein e Nathan Rosen, que acreditavam na possibilidade de se realizar viagens no tempo por meio de buracos que atuam como portais que permitiriam o trânsito entre o futuro e passado; assim como a possibilidade de ligar duas regiões distantes do espaço. De forma simplificada, a teoria defende a possibilidade da viagem no tempo, muito explorada em filmes de ficção científica). Disponível em: <<https://www.colegioweb.com.br/fisica/o-que-e-buraco-de-minhoca.html>> Acesso em: 19/08/2018.

² “Maria fedida”, nome popular dos percevejos da ordem hemíptera, a mesma ordem dos barbeiros, os quais que possuem glândulas especializadas no tórax ou no abdômen que produzem um líquido com odor fétido de hidrocarbonetos, liberado do corpo quando necessário. Disponível em: <<http://diariodebiologia.com/2010/09/percevejo-maria-fedida-cheiro-ruim-transmite-doenca/>> Acessado em: 19/08/2018.



Durante esse processo de autodescoberta, tenho tentado documentar todas as experiências relevantes em diários, cadernos de artista e registro fotográfico e, percebendo, ao longo desse processo, que mesmo que se trate de uma investigação narrativa, ao detectar em minha vivência atual a necessidade de me reconciliar com minha vivência passada, se tornou necessária uma delimitação do que é autobiográfico, no sentido da narração sobre a vida de um indivíduo, escrita pelo próprio, sob forma documental ou ficcional e do que é diário de registro, ou seja, um simples relato do cotidiano. Minhas memórias de infância, no entanto, não estão registradas em cadernos, nem todas possuem registro fotográfico. Existem apenas em minha memória. Ressalto, no entanto, que a prática da escrita em cadernos e diários me tornou muito detalhista, tomando concretude em meus trabalhos de arte que, por sua vez, também contam minha história. Carla Milani Damiano (Damiano, 2006) analisa e define a diferença entre autobiografia e diário³, essa definição de alguma forma me inspira, pois, embora teoricamente se trate de práticas distintas, acredito que ambas se complementam, uma vez que uma podem servir de suporte para a escrita da outra.

Lady Víbora - vestindo a pele da serpente

Lady Víbora surgiu, a princípio, como uma proposta que me permitisse a criação de uma imagem pessoal. A ideia era identificar e produzir um estilo (vestuário e acessórios) que expressasse minha personalidade, sendo o próprio nome, Víbora, uma referência direta ao arquétipo da serpente, que segundo, a definição de Hélio Couto (Couto, p.53, l.9-10, 2004) remete a *“proteção, alma, mudança, fálico, energia, vida, libido, inteligência, auto-renovação, universo.”* Seguindo essa referência, percebo uma aproximação com as ideias de Edgar Franco (Franco, 2012) que declara sua ligação com a natureza desde sua infância e, ao se identificar como Ciberpajé, lança mão dos arquétipos que estão ligados à natureza, à fauna e à flora. Pessoalmente, a serpente⁴ já estava inserida em minha vida primeiramente por ser um dos meus animais preferidos, mas principalmente por ser um bicho que representa a auto-renovação.

Eu já vinha tentando realizar essa transformação, mas sempre adia, por não saber exatamente o que eu queria e por ainda não ter encontrado um estilo ou um código imagético que me traduzisse. Por diversas vezes, me vi travando diálogos e fazendo planos comigo mesma. O que fazer? Como fazer? Porém, por mais que buscasse uma justificativa para meus planos não

³ “Distingue a autobiografia do diário de maneira a conferir a primeira mais elevada. Ao mesmo tempo, insere tanto o diário como a correspondência na construção da obra autobiográfica, como documentos necessários para garantia da verdade do relato. A “inapreensibilidade” da verdade para a construção do relato e a forma como é estruturada, mesmo que a verdade do relato seja inacessível, são questões que percorrem e concluem a obra.” (MILANI, p. 29, l.16-22, 2006).

⁴ A víbora é, na verdade, um tipo de serpente, assim como as cobras. Ou seja: todas as víboras e cobras são serpentes, mas há muitos mais tipos de serpentes, que se dividem em famílias, subfamílias, gêneros, subgêneros, espécies e subespécies. Disponível em: <<http://www.significando.com.br/serpente-e-vibora/>>; Acesso em: 19/08/2018.

realizados, nada do que eu pensava, nenhuma inspiração se consolidava. Isso até o dia em que numa conversa com um colega no ateliê de gravura da FAV, em junho de 2017, ele me relatou o que tinha visto quando esteve em uma festa voltada para o fetiche dos pés. A partir daí encontrei algo que pudesse explorar, pois esse diálogo trouxe à tona uma lembrança que estava perdida na memória, e da qual quase já havia me esquecido, sobre um romance do passado em que, num certo dia, tive meus pés beijados. Um gesto de carinho (talvez apenas sedução), obscurecido no caos das minhas memórias.

A partir dessas recordações e das conversas descontraídas com meu amigo surge uma pequena mudança necessária dentro do propósito traçado para a personagem cuja construção deveria começar pelas bases, ou seja, pelos pés. Comecei a preparar meus pés para que ficassem bonitos e iniciei uma busca por páginas e grupos no *facebook* que tivessem como foco principal a apreciação dos pés. Podolatria⁵ é o termo que define o fetiche de adoração dos pés, esse universo rico e repleto de significados e histórias que eu abarcaria posteriormente em diálogos com alguns adeptos da prática, a qual, ao mesmo tempo que me despertava curiosidade, era algo completamente natural naquele universo, afinal os pés são parte essencial do corpo humano e merecem de fato serem bem cuidados e, por que não, apreciados em sua beleza.

Comecei, assim, a seguir páginas especializadas e fui notada, acredito, por um jovem rapaz que entrou em contato e com quem pude entabular uma conversa animada sobre esse tema. Era um rapaz simpático, muito atencioso, que não economizou elogios e ainda me sugeriu que mostrasse minhas fotos em grupos fechados. Segundo ele, nesses grupos eu poderia tomar conhecimento da opinião das outras pessoas. Me aconselhou, ainda, que criasse um perfil paralelo para não expor minha identidade.

Esconder-me atrás de um perfil falso? Não ousaria me esconder, Lady Víbora é uma personagem eu sou sua criadora. Somos duas e, ao mesmo tempo, uma só. Uma mulher fictícia e real. Esta era a oportunidade tão esperada para liberar a mulher enigmática e sombria que trazia dentro de mim que havia sido sufocada, ocultada e estava sedenta por existir. Aquela menina que eu fora no passado e que reinava soberana em cima do pé de tangerina agora encontrava finalmente a passagem para viajar no tempo que aterrissar no momento presente, onde, quem sabe, poderia reinar novamente, não na copa de uma árvore, mas em qualquer ambiente que lhe agradasse. Para minha surpresa minhas postagens realmente tiveram uma ótima repercussão e, aos poucos, surgiram os primeiros seguidores. Algo em minhas fotos autorais despertava nos seguidores da página na plataforma virtual desejo, fantasia, necessidade de adorar e se submeter a meus caprichos. Mas afinal, a quem desejam? Á artista ou à personagem? Como separar o que eu sou do que ela pretende ser?

⁵ Pessoa que sente interesse desmedido ou atração sexual por pés e calçados. O termo vem do grego: poús, podós, «pé» + latra. (Fonte consultada em 12/08/2018: Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pod%CB3latra>> Acesso em: 12/08/2018.



Carla Milani Damiano (2006) fala da premissa de que toda verdadeira autobiografia busca responder a questão: quem sou eu? Eu acrescento a pergunta: o que devo me tornar? Esta investigação íntima está me mostrando o que eu realmente gosto e quero para minha vida, ainda que permaneçam algumas dúvidas. Tal como Paul Ricoeur (2014, p. 116) cita, “a dúvida não está longe quando se compara uma percepção presente com uma lembrança recente.” Seria talvez a dúvida sobre algo que já trazia dentro de mim e que meu eu consciente apenas percebe, mas que, na ausência de provas materiais, permaneceria subjetivo? Talvez seja necessária uma busca minuciosa de registros que possam ter sido deixados ainda que de forma indireta. Talvez numa pesquisa com fotografias antigas, quem sabe seja possível identificar essa pessoa em algum detalhe e, dessa maneira, me aprofundar nas novas descobertas que o futuro reserva nessa trajetória que estou seguindo.

A página da Lady Víbora foi criada em 12 de outubro de 2017. Desde essa data, tenho publicado fotos dos pés direcionadas para o público podólatra, porém optei por transformar esta página em uma espécie de diário de percurso, onde mantenho dados e imagens dos processos de construção e transformação da personagem e da autora, assim como das produções artísticas que foram surgindo neste percurso.

Por se tratar de uma experiência nova para mim, antes de fazer as primeiras fotografias, pesquisei em páginas de outras mulheres que se dedicavam à podolatria e observei as posições mais retratadas dos pés destas mulheres. A partir dessas observações procurei estabelecer elementos diferenciados e que fossem atrativos em minhas próprias imagens (Figura 1), tais como composição, iluminação, acessórios e poses, sempre privilegiando o aspecto autoral assim como evidenciando as características que eu mais apreciava em meus próprios pés.



Figura 1: “Não ouse...” (Uma das diversas fotos autorais publicadas na página “Lady Víbora” em 09/02/2018)⁶

⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/ladyvibora.art/photos/a.2260832367290389/2496361807070776/?type=3&theater>> Acesso em: 19/08/2018

Qual o poder dessa mulher, percebida por uns como impactante, e cujos pés suaves e elegantes sustentam uma dominadora, senhora, dona para outros. Estariam eles prontos para rastejar a seus pés ou ser simplesmente um capacho para sua dona? Momento perfeito para transportar toda essa ebulição de idéias em narrativas visuais.

Do FanZine ao GravuraZine e além

Segundo Fernanda Ricardo Campos (Campos, 2009), o termo fanzine vem da junção das palavras *fanatic* e *magazine* que resulta em uma “revista de fanático” ou “revista de fã”, uma publicação alternativa feita por fãs em caráter amador e experimental. Nessas publicações são abordados temas ou assuntos de interesse dos aficionados visando a divulgação e a possibilidade de novas interações sociais com outros leitores interessados no mesmo tema.

Minha experiência com fanzine tem início em junho de 2017 quando fiz o primeiro, chamado “O Guardião do Submundo”, com tiragem de 80 exemplares, realizando aí os primeiros testes com carimbos feitos com E.V.A., carimbos de borracha escolar, carimbos de silicone, colagem de fotos e recortes de jornais. O resultado foi um fanzine com uma capa impressa artesanalmente por meio de impressão de carimbo com as páginas internas xerocopiadas. Chamo de gravurazine especificamente por ter utilizado em sua produção a técnica da gravura na criação das imagens sob o fanzine como suporte. Em janeiro de 2018, pude realizar o primeiro fanzine da série Lady Víbora que agora já se encontra no terceiro número.

Adoração: uma breve narrativa podólatra

A princípio, foi uma grande preocupação definir um método para a criação da narrativa deste fanzine, pois já vinha trabalhando com fotografias para a divulgação da personagem. Por isso, decidi que a narrativa poderia ser construída a partir de uma série de fotos dos pés, uma vez que, até então, eram estes que estavam sendo divulgados e já havia um expressivo embora pequeno público que acompanhava a página da personagem. Esta sequência de imagens possibilitou a criação de uma narrativa que começa com os pés calçados, os quais, gradativamente, vão sendo desnudados com a retirada da sandália.

Desse momento de criação submersa em meus próprios pensamentos lembrei frases que eu já havia ouvido antes quando observava as conversas nos grupos fechados do *facebook* e também os diálogos que tive com alguns admiradores de personalidade submissa. Dessas lembranças, eu escolhi algumas palavras e frases que usei para esta narrativa.

Curvado diante de mim, doce e submisso... Sinto teu olhar fixo, pensamento perdido... Me descalço, teus sentidos se exaltam, sinto teu desejo... Teus lábios sedentos por minhas solas... Meus dedos... Permito-te tocar-me... Adora-me... (SANTA FÉ. n.01 - 2018)

O fanzine “Adoração” (Figura 2) foi planejado para ocupar uma única folha de papel, frente e verso, com dobraduras que simulam uma encadernação simples, mas cujo verso, no processo de desdobramento, apresenta uma imagem ampliada que poderia ser usada como um pôster.



Figura 2: Fanzine “Lady Víbora n. 01 – Adoração”, (2018)

A serigrafia é uma das técnicas alternativas de gravura que começou a ser praticada por artistas na metade do século XX, John Dawson (1992, p.122) a descreve como um processo onde a impressão é feita a partir de uma matriz, com a utilização de um bastidor onde um tecido de trama fina é tensionado por meio de um processo químico fotossensível. A imagem é gravada no tecido e, posteriormente, se espalha a tinta que atravessa a impressão feita na superfície que estiver em baixo.

No referido trabalho, eu escolhi utilizar diversos tipos e cores de papel, porém todos no mesmo formato. A tiragem ficou limitada a 100 exemplares, todos sendo serigrafias originais, todas as impressões são numeradas, datadas e assinadas.

Curve-se - Uma Dona assume seu lugar

Palavras de ordem ou comandos que a cada página revelam aquela que começa a ter conhecimento de seu poder pessoal. O fanzine seguinte, chamado “Curve-se” (Figura 3), é um pouco mais ousado e conta com uma participação maior dos admiradores da personagem. Eles, durante diversas conversas informais e virtuais, falavam sobre o desejo de pertencerem a uma dona, a quem serviam e obedeciam. Dessas conversas surgiam palavras-chave que despertaram o meu interesse de manifestar a personalidade dominante de uma personagem que ordena e



comanda os jogos de dominação. Assim como no primeiro número, para este trabalho também pude contar com a colaboração dos admiradores da dominadora, que me ajudaram a selecionar as palavras que eles mesmos estavam desejosos de ouvir de sua dona:

“Curve-se escravo... Eu controlo você... Minha propriedade... Você está aqui para meu prazer... Beije... Ame meus pés... se desespera...” (SANTA FÉ, n.02 - Curve-se - 2018)

Essas palavras me guiaram na pesquisa de imagens que seriam usadas na criação das matrizes utilizadas como carimbos. Nesse processo, tive a oportunidade de submergir no roteiro que tinha sido definido pela sequência de palavras já estabelecidas. Pesquisei imagens de homens curvados sob os pés de mulheres ou que expressavam alguma forma de submissão. O gravurista e ilustrador Fernando Vilela (2011) afirma que imagem é texto, afinal, a ilustração narrativa nos conduz durante a leitura. Pessoalmente, acredito que além de potencializar a leitura, também acrescenta todos os elementos que criam em nossa percepção a sensação de vivenciar a experiência que está sendo narrada.



Figura 3: Fanzine “Lady Víbora n. 02 – Curve-se”, (2018)

Neste número, escolhi um modelo de encadernação composta por uma capa em que usei um papel metalizado e sobre a qual foi impresso um dos carimbos feitos de E.V.A.. As páginas são feitas em papel *craft*, um tipo de papel com aparência rústica e as impressões internas foram realizadas manualmente por meio de estêncil, carimbos feitos com borracha escolar, carimbos de silicone, carimbos escolares, e carimbos de E.V.A. sobre uma base preparada com tinta acrílica branca. Existe um contraste relacionado com os tipos de papel que escolhi. Para mim, este é um detalhe que remete à minha própria personalidade, que valoriza tanto o que me parece elegante quanto aquilo que sendo rústico me recorda minhas origens.

Com o tempo a xilogravura ficou um pouco estática e não mais respondia ao dinamismo que eu ambicionava nas ilustrações. Assim trilhei novos caminhos e comecei a fazer gravuras em borracha escolar, uma espécie de carimbo, que funcionava como pequenos módulos que podiam ser articulados em cada ilustração. (VILELA, n.06 2011)

O luxo Insano - A rainha revelada

Cortar, recortar, colar são etapas que permeiam o fazer de um fanzine tradicional. Páginas de revistas e recortes de jornais são a base para uma narrativa pitoresca e sensual. A ideia para este terceiro fanzine chamado “O luxo insano” (Figura 4) surgiu espontaneamente enquanto eu folheava revistas velhas e via imagens que remetiam ao universo estético de Lady Víbora. Parte do fetiche de um podólatra são os sapatos usados por suas donas, ao quais lhes proporcionam um mundo de fantasias e aromas quase místicos: sapatos de saltos altos, sapatos de saltos baixos, rasteirinhas, sapatos abertos ou fechados, sandálias, botas, couro, tudo isso atíça os instintos de adoração e devoção de um adepto da podolatria.



Figura 4: Fanzine “Lady Víbora n. 03 – O Luxo Insano”, (2018)

Selecionei diversas imagens de sapatos e de modelos que, aos poucos, iam sendo colados, compondo uma narrativa. Escolhi para este número o formato de encadernação com dobradura, que usa apenas uma folha, frente e verso e que, depois de devidamente dobrada, forma um livreto que pode ser folheado. Quando às imagens, estas já haviam sido organizadas e coladas. Assim, enviei fotos para três admiradores da personagem e lhes perguntei quais pensamentos ou desejos aquelas imagens incitavam em suas mentes. Cada um deles me enviou uma frase ou uma palavra que eu escrevi em pedaços de papel e depois coleí nos locais que iriam corresponder às páginas quando a folha fosse dobrada no modelo escolhido.

O ritual... O charme secreto de seu poder... Por dentro do closet... **“excitado”**... Dignas de Rainha... **“estou sempre ao seu serviço e isso é uma grande honra para mim”**... Ok! Experimente a sensação... Novas fronteiras da atração... **“vontade de ver a senhora experimentando, poder adorá-los”**... Sonhos... Luxo insano... Glamour... **“eu estou sujeito a você com todos os meus sentidos. É uma sensação estranha para mim”**... Desperte os sentidos... **“Minhas mãos e pés, são uma Rainha, ela tem uma boa aparência e um belo dorso. Mas no interior esconde um veneno letal e perigoso”**... **“Eu estou sob seus pés Rainha. Você conspira com força e arrogância. Vou me sentir feliz como se eu estivesse em êxtase.”**... (SANTA FÊ, - n.03- 2018)

Diferentemente das matrizes de gravura produzidas anteriormente, onde havia incisões para que a imagem pudesse surgir no momento da impressão, esta matriz é formada somente por imagens que serão reproduzidas através da fotocópia. Ao contrário dos fanzines anteriores em que eu mantinha os elementos típicos da gravura implícitos conforme realizava as impressões de tiragem limitada e assinava todos os exemplares que permaneciam gravuras originais, neste trabalho optei por preservar o conceito tradicional de fanzine desde sua produção até a impressão das cópias. Neste projeto em especial, optei por utilizar uma técnica cujos materiais são muito específicos e requerem muitos elementos, assim como etapas que precisam ser cumpridas de forma correta para se obter o resultado desejado, como numa receita de bolo onde cada ingrediente deve ser adicionado na medida certa.

Considerando que diversos artistas são potenciais acumuladores de quinquilharias que preservam resquícios de memórias, acredito que um próximo passo para alcançar outro degrau nessa busca seja de afirmação da auto identidade, seja vasculhar todos os repositórios de memória que venho acumulando desde minha infância. Carla Milani (Damião, 2006) ressalta que os limites que circundam a autobiografia, entre outros aspectos, estão demarcados nos diários e objetos de recordações *souvenirs*. Possivelmente esses objetos possam me ajudar a reescrever o meu próprio passado, substituindo, porém, as memórias negativas por novas experiências que, no futuro, possam ser lembradas como recordações felizes.

Lady Víbora tem agora um novo papel nessa jornada. Ela ultrapassa meus interesses, podendo através de suas narrativas quem sabe, despertar em outros indivíduos uma tênue necessidade de renovação.

Referências

CAMPOS, Fernanda Ricardo. FANZINE: DA PUBLICAÇÃO INDEPENDENTE À SALA DE AULA. **III Encontro Nacional Sobre Hipertexto**, Belo Horizonte, MG- 29-31 de outubro de 2009.

COUTO, Hélio. **Marketing e Arquétipos Símbolos, Poder e Persuasão**. Editora Hélio Couto LTDA. Santo André, SP 1. Edição, 2004.



DAMIÃO, Carla Milani. **SOBRE O DECLÍNIO DA “SINSERIDADE”**, Filosofia e autobiografia de Jean-Jaques Rousseau a Walter Benjamim. Edições Loyola, São Paulo. 2006

DAWSON, John. **GUIA COMPLETA DE GRABADO E IMPRESION** tecnicas y materiales. H.Blume Ediciones, Spain, 1992.

FRANCO, Edgar Silveira. A Transmutação em Ciberpajé: Transmídia, Performance e Vida. In: **Anais do #11ART - Encontro Internacional de Arte e Tecnologia (UnB)**, 2012, Brasília: UnB, 2012. v. 1. p. 1-11.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Tradução: Ivone C. Brnedetti. 1ª ed. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes. 2014.

ROUSSEOU, Jean-Jacques. **Os devaneios do caminhante solitário**. Trad. De Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1986.

MUNIZ, Cellina Rodrigues. [Organizadora] **Fanzines: Autoria, Subjetividade e invenção de Si**. Edições UFC, Fortaleza, CE. 2010.

VILELA, Fernando. Depoimentos. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n.6, abril de 2011

SANTA FÉ, Ilda. **Gravurazine Lady Víbora - n.01 - Adoração** – janeiro de 2018

SANTA FÉ, Ilda. **Gravurazine Lady Víbora - n.02 - Curve-se** – fevereiro de 2018)

SANTA FÉ, Ilda. **GravuraZine Lady Víbora - n.03 - O luxo insano** – Julho de 2018)

Minicurrículo

Ilda Aparecida Ribeiro De Santa Fé

Mestranda em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás, Especialista em Docência do Ensino Superior pela FABEC Brasil (2016), Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás (2013). Artista Visual. Participa de exposições coletivas desde 2010.

